

FACULDADE DE LETRAS – UNIVERSIDADE DO PORTO

LIVRO DE SUMÁRIOS FILOSOFIA

DOCENTE: Sofia Miguens
DISCIPLINA: FILOSOFIA DA LINGUAGEM (3ºANO – Licenciatura em Filosofia)
ANO LECTIVO: 2002-2003



UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Letras

ARQUIVO CENTRAL

N.º 23023

Data 09/10/03

07.10.02 AULA 1

Apresentação do Programa, justificação da sua orientação. As três partes do Programa: I. Abordagens empíricas, ciências da linguagem, II. Abordagem filosófica tendo como referência a história da filosofia analítica desde finais do século XIX até ao presente, III. Abordagem a partir da filosofia contemporânea não analítica. A centralidade da Parte II na gestão do programa devido ao relevo da filosofia da linguagem na tradição analítica (autores e temas incontornáveis: G. Frege, B. Russell, L. Wittgenstein, W. V. Quine, a teoria dos actos de fala, ...). Comentário à Bibliografia, referência a obras orientadoras (Pinker 1994, Martinich 1990, Hale & Wright 1997). Referência a J. Branquinho & D. Murcho 2001, *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*, como obra ideal para o acompanhamento do curso.

Condições da avaliação, condições para a realização de trabalhos de investigação. Horário de atendimento (3^a feira, manhã). Motivos de interesse do estudo da linguagem.



09.10.02 AULA 2

Linguagem e mente: o estudo do mental e as ciências cognitivas (neurociências, psicologia, linguística, IA, filosofia). Noam Chomsky e a linguística como ciência cognitiva (S. Miguens, 1998-99, Bloco de Textos nº1). O carácter revolucionário de alguns princípios da linguística chomskyana: gramáticas formais como modelo de acontecimentos no cérebro (ao nível funcional), Gramática Universal (GU), inatismo da faculdade de linguagem. Linguagem e cérebro: primeira referência a algumas áreas corticais envolvidas no processamento da linguagem (área de Broca, área de Wernicke). Diferentes questões acerca da linguagem: (i) o que está a acontecer (arquitectura cognitiva), (ii) onde está a acontecer? (neuroanatomia), (iii) o que está a ser feito? (filosofia).

Características básicas comuns a qualquer língua natural: arbitrariedade da associação sons/significados, frases como unidades, sintagmas, categorias gramaticais 'centrais' tais como nomes e verbos, uso infinito de meios finitos, marcação de tempo, negação, etc (Bloco de Textos nº 1, Fromkin & Rodman 1993).

Diferenciação de problemas relativos à linguagem, ligação desses problemas a diferentes disciplinas. Introdução de termos técnicos e localização das áreas da sua utilização (desde a neurologia e neuropsicologia até à linguística e à lógica). Afasias. Gramática, competência e performance, Conhecimento de Língua. Línguas naturais e linguagens formais. Sintaxe, semântica e pragmática. Ambiguidade e paráfrase. Frases, enunciados e proposições. (Terminologia básica para o estudo da linguagem, Bloco de Textos nº1).



14.10.02 AULA 3

Distinção entre abordagens empíricas e abordagens conceptuais dos problemas da linguagem. O caso de N. Chomsky: o trabalho como linguista (abordagem científica, através de modelos formais) e o trabalho como filósofo (hipóteses acerca de funcionalismo, modularidade, inatismo). Cinco motivos de interesse do estudo da linguagem: motivos geradores de abordagens claramente empíricas e claramente filosóficas e casos 'vagos'. Terminologia básica para o estudo da linguagem: continuação da localização do uso de termos técnicos em diferentes áreas (Bloco de Textos nº 1, Terminologia básica para o estudo da linguagem).

O Conhecimento de Língua (Fromkin & Rodman 1993, *What is language?* Bloco de Textos nº 1, início da leitura).



21.10.02 AULA 4

Ideias comuns acerca da natureza da linguagem 'desmentidas' pela revolução chomskyana: (i) ideia de linguagem como invenção cultural, (ii) identificação da linguagem com uma 'capacidade simbólica geral', (iii) o relativismo linguístico radical (referência à Hipótese de Sapir-Whorf), (iv) a ideia de aprendizagem da linguagem por imitação, (v) a ideia de aprendizagem escolar da

gramática. O Conhecimento de Língua: dimensões fonológica, semântica, sintática. Linguagens gestuais e arbitrariedade (a não essencialidade do suporte sonoro para a existência de sistemas com as características das línguas naturais humanas). Aspectos icónicos nas línguas naturais. Gramaticalidade. (Fromkin & Rodman 1993, *What is language?* Bloco de Textos nº 1, continuação da leitura).

SJ

23.10.02 AULA 5

Fromkin & Rodman 1993, *What is language?* Bloco de Textos nº 1, continuação da leitura. Discussão acerca das noções de competência e performance. Sistematização de alguns princípios da linguística chomskyana: funcionalismo, Gramática, Racionalismo, Gramática Universal, modularidade, a metáfora do 'orgão-programa', a frase e a estrutura de constituintes (hierarquia e não sequência linear de palavras). Argumentos a favor do inatismo (pobreza do estímulo, desenvolvimento e não adestramento, possibilidade de aprender qualquer língua). A Hipótese de Sapir-Whorf, contexto: antropologia / etnolinguística (EUA, anos 30-40). Língua e *Weltanschauung*: o papel activo da linguagem na constituição da imagem da realidade. Formulação do 'princípio da relatividade linguística' associado à Hipótese Sapir-Whorf. Comparação entre os princípios da abordagem chomskyana e os princípios da Hipótese Sapir-Whorf: inatismo versus externalismo, universalismo versus particularismo, isolamento da linguagem como habilidade cognitiva (modularidade) versus identificação da linguagem com inteligência geral.

SJ

24.10.02 AULA 6

Da linguística formal chomskyana à perspectiva da psicologia evolucionista (S. Pinker 1994). A 'biologização' da questão acerca da natureza da linguagem (consequência da abordagem da linguística como ciência cognitiva). A evolução por selecção natural da faculdade de linguagem. Comparação entre sistemas de comunicação animais e línguas naturais humanas: características de design e localização cerebral de funções. A questão da função da linguagem. Caracterização do processo de evolução por selecção natural. Os tempos para o surgimento da linguagem: surgimento e evolução da espécie humana. A hipótese de Pinker.

SJ

28.10.02 AULA 7

A evolução por selecção natural de uma faculdade de linguagem na espécie humana. A hipótese de Pinker (Pinker 1994). Formas de abordar a questão. Estudos psicológicos acerca de linguagem animal: alguns dados. Pressupostos desses estudos. O choque entre os pressupostos desses estudos e vários pressupostos da abordagem chomskyana (inatismo, modularidade). A pertinência dos estudos psicológicos de linguagens animais: comparação entre as características das performances obtidas e as características das performances humanas, comparação entre zonas do cérebro envolvidas em vocalizações (nos humanos e noutras espécies). Evolução e *rewiring* de circuitos neuronais. Evolução por selecção natural e função: o que seria a 'função' da linguagem, que traria vantagem adaptativa aos indivíduos que a possuíssem? Hipóteses: transmissão de informação, indução de pensamentos outros indivíduos, utilização dos pensamentos próprios. A hipótese da inteligência maquiavélica.

SJ

4.11.02 AULA 8

Linguagem e cérebro: alguns marcos no estudo das funções cerebrais. Localizacionismo versus holismo. Frenologistas. J. Hughlings Jackson. Organização topográfica do córtex cerebral. Classificações funcionais do córtex cerebral. Linguagem e hemisfério esquerdo. Paul Broca. Carl Wernicke. Áreas de Broca e Wernicke, afasias de Broca e Wernicke, breves descrições de casos (Gazzaniga et all., 1998, Bloco de textos nº1). Áreas de Brodmann. O neurónio: C. Golgi S. Ramon y Cajal. L. Helmholtz e a velocidade da condução nervosa.



7.11.02 AULA 9

A perspectiva da psicolinguística: a performance. Alguns exemplos de estudos psicolíngüísticos (Gazzaniga et all. 1998, Bloco de textos nº1). Problemas de psicolinguística: como é que as palavras estão representadas / armazenadas no cérebro? O que é que possibilita o processamento / entendimento do input linguístico (compreensão da fala)? O que está envolvido na iniciação de comportamento linguístico (produção da fala)? Modelos de armazenamento, compreensão e produção de linguagem. Léxico mental, redes semânticas e modelos de traços lexicais (alternativas quanto à organização e ao armazenamento). Dimensão do léxico mental. Tempos de recuperação de items do léxico. Comparação entre um dicionário exterior e um léxico mental. Problema subjacente: o que está envolvido no reconhecimento de X como X?

Referências a tarefas de nomeação (*naming tasks*), nomeadamente às investigações de Hannah Damásio (reconhecimento de rostos, instrumentos, animais) (Gazzaniga et all. 1998, Bloco de textos nº1). A ideia de níveis da representação de palavras: pré-linguístico (conceptual), lexical e fonológico (Hannah Damásio). Processamento do input linguístico: algumas características do modelo de Oliver Selfridge (Pandemónio: agentes cognitivos, processamento paralelo, competição e reconhecimento). Produção da fala: Modelo de Willem Levelt. O problema filosófico levantado pelo lugar do componente-conceptualizador: vontade livre e iniciação. Os componentes do modelo: conceptualizador, formulador, analisador (*parser*), articulador. Planeamento(s) envolvido(s) na produção de fala e no acesso lexical.

Introdução às questões conceptuais da linguagem (Programa: Parte II). G. Frege e a filosofia analítica. O axioma da filosofia analítica (M. Dummett). A ideia fregeana de uma *Begriffsschrift* (1879).



11.11.02 AULA 10

G. Frege (1848-1925): dados biográficos e bibliográficos. A importância da lógica matemática na abordagem filosófica da linguagem. Frege: 'pai' da lógica formal e da filosofia da linguagem. Substituição da atenção à língua natural (naturalmente vaga e ambígua) pela criação de uma língua simbólica. O projecto de Frege e a crítica de B. Russell. Como pode um problema de epistemologia da matemática ('o que é o número?', *Fundamentos da Aritmética*) ter uma tão grande importância filosófica? Referência a M. Dummett como intérprete de Frege e do papel de Frege na história da filosofia. Três intuições de Frege: (i) a frase como unidade, o Princípio do Contexto (importância histórica do Princípio do Contexto: (1) separação entre os aspectos públicos e objectivos do conteúdo semântico e os aspectos subjectivos, imagéticos, do conteúdo psicológico, (2) privilégio à frase na análise semântica); (ii) relação verdade / sentido (iii); o sentido como ingrediente a mais. Sintaxe e semântica. A ideia de uma semântica lógico-filosófica em relação com a análise lógica sintáctica. De que análise lógica da linguagem se fala? Frases, predicados, argumentos, conectivos, quantificadores.



13.11.02 AULA 11

Begriffsschrift (1879), *Os Fundamentos da Aritmética* (1884), *Über Sinn uns Bedeutung* (1892): em busca de ligações entre os três escritos. Para que serve uma 'escrita conceptual' – recapitulação

de noções de Lógica (cálculo proposicional, cálculo de predicados de primeira ordem com identidade – diferenças entre eles). O problema dos *Fundamentos da Aritmética*: o conceito de número. Referência ao logicismo. O número como 'predicado'. Método: aplicação do Princípio do Contexto à investigação do conceito de número nos *Fundamentos da Aritmética*. Estrutura tripartida de *Über Sinn und Bedeutung*. A referência – uma primeira caracterização. O Puzzle de Frege – primeira caracterização. Exemplos da importância da problemática (frases que exprimem identidade).

18.11.02 AULA 12

Frege e a filosofia analítica: substituição do início cartesiano do inquérito em questões epistemológicas de justificação pela análise da significação; análise conceptual concebida como sendo prévia a falar de ou conhecer o que quer que seja. A forma como tal decisão torna a filosofia da linguagem central na filosofia. Frege como filósofo da linguagem: o estatuto da linguagem natural e o estatuto de uma 'linguagem conceptual simbólica'. Vagueza e ambiguidade versus 'esqueleto lógico'. Nova referência à relação entre as problemáticas entre três escritos de Frege (*Begriffsschrift* (1879), *Os Fundamentos da Aritmética* (1884), *Über Sinn uns Bedeutung* (1892)). A lógica de Frege. A filosofia analítica e o *linguistic turn*: o que está em causa. Frases e predicados, a estrutura de enunciados simples. Predicado de acordo com Aristóteles, predicado de acordo com Frege. As formas 'S é P' e $f(x)$. A problemática de Frege como forma de retomar problemáticas de Aristóteles (nomeadamente aquilo que a lógica nos diz acerca da estrutura de declarar verdades) e Kant (nomeadamente 'qual é a natureza das verdades da aritmética?'). Nomes Próprios e Descrições Definidas (definições em Adriana Silva Graça, Bloco de Textos nº2: uma primeira leitura)

25.11.02 AULA 13

Nomes próprios e descrições definidas, definições e exemplos. Referência à forma (distinta) como Frege e Russell classificam expressões como nomes próprios e descrições definidas. A ideia de 'nomes próprios fregeanos'. O Puzzle de Frege: o estatuto (conteúdo cognitivo) de determinadas asserções de identidade (aqueelas em que estão envolvidos dois nomes diferentes de um 'mesmo objecto'). Partes a considerar em *Über Sinn und Bedeutung* (USB): parte 1 (sentido e referência de termos denotativos singulares). Nomes Próprios Fregeanos. Estrutura triádica: sinal, sentido, referência. Salvaguardas: (i) não existência de correspondência biúnivoca entre sentido e referência, (ii) a existência / compreensão do sentido não assegura a referência, (iii) diferença entre discurso directo e discurso indirecto (em que as palavras não têm as suas referências habituais), (iv) diferença entre imagens idiossincráticas e sentido (exemplos). Os exemplos de USB: 'o ponto de intersecção de a e b', 'o ponto de intersecção de b e c', 'a Estrela da Manhã' e 'a Estrela da Tarde', o telescópio, a lua, a imagem real projectada pela lente, a imagem retiniana em cada indivíduo. Conclusões gerais acerca do sentido e da referência de Nomes Próprios. *Sinn* como algo de comum. 'Perspectivismo objectivo' versus idiossincrasia das representações.

27.11.02 AULA 14

Solução fregeana para os problemas dos nomes co-referenciais e dos nomes vazios. *Über Sinn und Bedeutung* (USB): parte 2 (sentido e referência de frases). Leituras de USB. Sentido e referência de frases: aplicação do esquema triádico. O pensamento (*Gedanke*) como sentido das frases. O valor de verdade como referência das frases: '...é verdadeiro' não é um predicado. A preocupação com a referência de partes de frases e de frases e o interesse pela verdade em contexto de investigação científica (e não em todos os contextos). A Lei de Leibniz. O juízo como trajectória de um pensamento para um valor de verdade. O Verdadeiro como referência de todas as frases verdadeiras, o Falso como valor de verdade de todas as frases falsas.

28.11.02 AULA 15

O que é que Frege quer provar na terceira parte de USB? Leitura das conclusões do artigo relativas a frases compostas, seu sentido e referência, sentido e referência das suas partes. Leitura da conclusão geral relativa ao Puzzle de Frege.

O exemplo de Frege 'Copérnico acreditava que as órbitas dos planetas eram circulares' (versus 'As órbitas dos planetas são circulares'). Valor de verdade das frases. Sentido e referências de cada uma. Segundo Frege Leitura de passagens de Frege (Joan Weiner, 1999) acerca da teoria fregeana acerca do sentido e referência de frases e de frases inseridas noutras frases. A estranheza da proposta de acordo com a qual os valores de verdade são objectos e a noção de 'objectidade' (lógica, sem relação com a ideia comum de objecto) suposta nessa concepção. Princípio geral: se $a=b$, então o que quer que seja verdadeiro de a é verdadeiro de b . Como é que a doutrina se aplica a frases (e não apenas a nomes)? Contexto: inferências e aquilo que é substituível (*Supondo que duas frases têm o mesmo valor de verdade, será isto suficiente para nos permitir substituir uma pela outra em qualquer inferência? Proposta de Frege: sim*). Exemplo. Alice acredita que a estrela da manhã é um corpo iluminado pelo sol/ A estrela da manhã é a estrela da tarde/ Logo, Alice acredita que a estrela da tarde é um corpo iluminado pelo sol.

2.12.02 AULA 16

Princípio de identidade. Os problemas colocados pelo argumento *Alice acredita que a estrela da manhã é um corpo iluminado pelo sol/ A estrela da manhã é a estrela da tarde/ Logo, Alice acredita que a estrela da tarde é um corpo iluminado pelo sol*. Explicação, de um ponto de vista fregeano, das origens do problema. Frege: convicções ontológicas (conceptualismo, anti-psicologismo, des-noematização do pensamento; referência a Luísa Couto Soares 2001, *Conceito e Sentido em Frege*).

Bertrand Russell: apresentação. *On Denoting* (1905) como lugar de uma contraproposta à proposta de Frege sobre a semântica de termos singulares. Alguns dados biográficos. Referência a *Autobiography* e *My Intellectual Development*. Autobiografia: leitura do prólogo («três paixões me moveram»...).

4.12.02 AULA 17

B. Russell: continuação da apresentação do autor. Dados biográficos e bibliográficos. A forma como a Teoria russelliana das Descrições Definidas supõe o cruzamento de teses lógico-semânticas, ontológicas (atomismo lógico) e epistemológicas (a diferença entre *knowledge by acquaintance* e *knowledge by description*).

Início da leitura de *On Denoting* (Bloco de Textos nº 2): apresentação da problemática tratada; a importância epistemológica geral desta. Leituras do texto de Adriana Silva Graça, *A Filosofia do Atomismo Lógico* (Bloco de Textos nº 2). Referência aos paralelismos existentes entre a filosofia do atomismo lógico e doutrinas básicas do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein (excluídos os aspectos epistemológicos).

Quatro Puzzles russellianos acerca de termos singulares: (1) aparente referência a inexistentes; (2) existenciais negativos; (3) puzzle de Frege acerca de identidade; (4) substituibilidade. Exemplos. Introdução da formalização necessária, segundo Russell, ao tratamento destes puzzles.

9.12.02 AULA 18

Para que serve o artigo *On Denoting* (1905)? Como se inserem as doutrinas aí defendidas na filosofia de Russell? A Filosofia do Atomismo Lógico: princípios. A distinção entre *knowledge by acquaintance* e *knowledge by description*. O Princípio do Contacto. Continuação da leitura de Adriana Silva Graça (*A Filosofia do Atomismo Lógico*, Bloco de Textos nº 2): nomes próprios em

linguagem corrente e nomes logicamente próprios (os exemplos de 'Aristóteles', 'Viena' e 'isto'). Da tese acerca de nomes próprios à Teoria das Descrições Definidas. Nomes próprios como abreviatura de descrições definidas. Leitura de *On Denoting*: os três puzzles (Puzzle da Identidade, Puzzle do Princípio do Terceiro Excluído, Puzzle da Não Existência da Entidade Descrita) e a pertinência do uso de puzzles deste género (segundo Russell). Explicação da dissolução dos três puzzles: leitura de Adriana Silva Graça (*Expressões Denotativas*, Bloco de Textos nº2). A diferença entre REFERIR e DENOTAR. Definição de referência. Os três puzzles de Russell e os quatro exemplo de Lycan como casos-teste para a teoria apresentada.



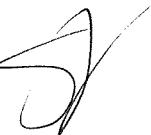
11.12.02 AULA 19

Bertrand Russell, a Teoria das Descrições Definidas. O espírito da Teoria das Descrições Definidas: algumas conclusões. Análise Lógica, diferença entre nomes aparentes e nomes logicamente próprios, a relação semântica referir, a relação semântica denotar. Expressões incompletas versus nomes. A fórmula $(. x)(Wx. ((y)(Wy. y=x). Sx))$ como expressão da forma lógica de 'O autor de Waverley era escocês' e como conjunção de condições. O que se estabelece (contra por exemplo Frege e Meinong): desaparição de termos singulares aparentes sob análise.



16.12.02 AULA 20

Bertrand Russell, a Teoria das Descrições Definidas. Análise dos puzzles 2 e 3 de *On Denoting*. A solução para esses puzzles (Adriana Silva Graça, *Expressões Denotativas*, Bloco de Textos nº2). Análise dos quatro casos de W. Lycan; fórmulas correspondentes a cada um. A correspondência entre os casos de Lycan e os exemplos de Russell. Por trás da Teoria das Descrições Definidas, o espírito filosófico russelliano: a lógica de Frege mais o empirismo britânico. A importância da teoria russelliana da referência na filosofia da linguagem contemporânea: a referência como relação incontornável (facto bruto) linguagem - mente / mundo.



18.12.02 AULA 21

Bertrand Russell, a Teoria das Descrições Definidas: análise dos três exemplos de Russell (*On Denoting*) e dos quatro exemplos de W. Lycan (transcrição formal, espírito dessa transcrição). Introdução a Wittgenstein: alguns dados sobre a vida e a obra. Origens do *Tractatus*: a influência de Frege e Russell, as questões existenciais. Os problemas dos *Tagebücher* – referência. Viena, *fin de siècle*: pessimismo e vanguardismo. Cambridge e a nova lógica matemática. Wittgenstein e Russell, as relações pessoais. O duplo chamamento da filosofia 'existencial' e da crítica da cultura por um lado e da nova lógica matemática de Frege e Russell por outro. A obra e a vida do Wittgenstein pós-*Tractatus*: algumas referências.



06.01.03 AULA 22

Wittgenstein, dados biobibliográficos. *Tractatus*: início das leituras, um mapa conceptual. Prólogo. A proposição 7. Análise lógica da linguagem na sequência de Frege e Russell ou uma outra coisa? – Referência à interpretação ética do *Tractatus*. A metafísica dos simples, dos estados de coisas e dos factos nas proposições 1 e 2. Referência à proposição fundamental para a compreensão do estatuto do pensamento (2.1, 'Wir machen uns Bilder der Tatsachen'). Ética e sentido da vida (a partir de 6.41). A oposição à ideia de ética como 'ciência da moralidade'. A intenção ética do *Tractatus* e o seu fundo: referência a Schopenhauer, Kierkegaard e Tolstoi. 'Wir machen uns Bilder der Tatsachen': leituras das proposições 2 do *Tractatus* e proposta de interpretação a partir da noção de modelo (*Bild*) de H. Herz. Leituras de Janik & Toulmin (extractos de *Wittgenstein's Vienna*, Capítulo The Tractatus Reconsidered: an Ethical Deed, Bloco de Textos nº3). Problema: como interpretar a noção de 'Bild'.



08.01.03 AULA 23

Wittgenstein, *Tractatus*, leitura e análise. Recapitulação do Prólogo: 'um livro que resolve todos os problemas da filosofia'. De que modo? – Um mapa do pensável / dizível, o traçado da linha do pensável a partir de dentro. *Sinnlos, sinnvoll, unsinnig*. O que faz então a filosofia? Recapitulação das proposições relativas ao 'método correcto da filosofia'. Estatuto paradoxal da própria obra (a linguagem falando sobre a linguagem). Pontos focais da análise do *Tractatus*: (i) a teoria pictórica da linguagem, (ii) a teoria da proposição como *Bild*, (iii) o estatuto da Lógica, (iv) o lugar da subjectividade, (v) o Mundo, (vi) a Linguagem, (vii) o Pensamento, (viii) a Ética, (ix) as influências (Frege e Russell, os meios lógicos, Hertz, a concepção de 'Bild', Schopenhauer, Kierkegaard e Tolstoi, a negação da validade da razão no domínio ética).

O sujeito: não é parte do mundo mas infunde uma 'tonalidade valorativa' a um mundo que é aquilo que acontece (nem bom, nem mau). Uma concepção estético-religiosa de ética; a 'contemplação' do mundo. Recapitulação das proposições sobre a ética, interpretação.

O que o *Tractatus* oferece: (i) um modelo ontológico acontecimentalista, (ii) uma teoria da linguagem (sobre o que a linguagem pode e não pode fazer), (iii) um imperativo de silêncio (acerca do 'mais elevado'), (iv) teses acerca do estatuto da Lógica (a Lógica como 'andaime' do pensável, o seu estatuto transcendental, auto-suficiente, 'aposto à realidade como uma régua'), (v) teses acerca do âmbito das ciências, (vi) teses acerca do estatuto da filosofia tradicional, proposta de uma concepção de filosofia como actividade (*Sprachkritik*, actividade de esclarecimento, por oposição à produção de teorias, tese acerca de mostrar e dizer, (vii) teses acerca de 'solipsismo como puro realismo'.

A teoria da proposição como *Bild*: a influência de Hertz (leituras de Janik e Toulmin, *Wittgenstein's Vienna*, Bloco de Textos nº 3). A utilização da lógica simbólica como 'modelo' (semelhanças entre a teoria da linguagem / pensamento do *Tractatus* e a filosofia da ciência proposta por Hertz). O aspecto activo de 'fazer modelos' (*Wir machen uns Bilder der Tatsachen*). 

13.01.03 AULA 24

Wittgenstein, leituras do *Tractatus*: (i) a natureza da representação (a partir do conceito de *Bild*), (ii) o estatuto (transcendental) da lógica, o lugar da subjectividade (*limite* do mundo). 

15.01.03 AULA 25

Wittgenstein, leituras do *Tractatus*: a natureza da representação, o estatuto da lógica, o lugar da subjectividade – conclusão. Wittgenstein: do *Tractatus* às *Investigações Filosóficas*, do modelo canónico de linguagem ao pluralismo. O objectivo: olhar para a teoria da linguagem/pensamento/mundo proposta no *Tractatus* à luz do pensamento do autor das *Investigações Filosóficas*. 

20.01.03 AULA 26

Wittgenstein-II: pluralismo e pragmatismo, face ao modelo canónico de linguagem ('mito platónico') do *Tractatus*. A 'diferença' entre Wittgenstein-I e Wittgenstein-II como exemplar dos rumos da filosofia do século XX. Filosofia concebida como lógica / filosofia da linguagem / filosofia da ciência (o positivismo lógico como primeiro exemplo), filosofia concebida como análise da linguagem comum. Da análise lógica da linguagem à terapia conceptual. Terapia e 'gramática'. A crítica à concepção agostiniana de linguagem (leituras do texto de A. Zilhão, Bloco de textos nº3). A concepção de filosofia das *Investigações Filosóficas* (leituras do texto de A. Zilhão, Bloco de textos nº3). Aspectos essencializantes na concepção da linguagem e respectiva crítica. Conceitos de Jogos de Linguagem, Formas de Vida, significado como uso e semelhança de família: primeira abordagem intuitiva. Repercussões epistemológicas das críticas ao essencialismo quanto à linguagem. Leituras das *Investigações Filosóficas*: Prólogo, Parágrafos 1-7 e 11. 

22.01.03 AULA 27

Aspectos essencializantes na concepção da linguagem e respectiva crítica. O que é 'pensar', 'falar', 'compreender': onde procurar a respostas a estas questões. Conceitos de Jogos de Linguagem, Formas de Vida, significado como uso e semelhança de família – leituras das *Investigações Filosóficas*.

Revisões para a primeira frequência.

24.02.03 AULA 28

Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*: uma teoria do uso – a relação com os estudos pragmáticos da linguagem na filosofia (referência a J. Austin, J. Searle e P. Grice) e na linguística. A sequência do *Tractatus* e a sequência das *Investigações* na filosofia do século XX: uma linhagem de filosofia epistemológica versus um estudo de 'jogos de linguagem' e 'formas de vida'. A passagem do *Tractatus* às *Investigações*: esquematização. Pluralismo e pragmatismo. Aspectos 'estéticos' da passagem: modernismo versus pós-modernismo. Linguagem: Lógica ou Gramática? O significado de 'gramática' em Wittgenstein.

Recapitulação: (i) Prólogo: ideias de 'esboços paisagísticos' e 'álbum' numa investigação acerca de sentido e compreensão (ii) a importância da citação de Sto. Agostinho, *Confissões*, no início das *Investigações*. A 'concepção agostiniana de linguagem': o que significa. A ideia de uma função central (representacional) da linguagem como alvo de ataque nas *Investigações*. Leituras das *Investigações*. Interpretação das imagens da 'caixa de ferramentas' (P.11) e cidade antiga (P.18). Linguagem, exactidão e inexactidão, método da filosofia, natureza da lógica.

26.02.03 Aula 29

Recapitulação dos princípios wiittgensteinianos (acerca de significação) enumerados na aula anterior: (i) o significado é o uso; (ii) não há uma essência da linguagem; (iii) a linguagem não tem como função central representar; (iv) o significado não é algo determinado a priori; (v) conceitos são 'semelhanças de família' e não áreas delimitadas; (vi) a lógica não revela a essência da linguagem; (vii) 'jogo' e 'regras' são noções essenciais para compreender a compreeensão; (viii) significar é uma prática, que supõe seguir regras; (viii) é impossível seguir regras privadamente; (ix) não há nada de oculto, tudo está patente; (x) nada é intrinsecamente significativo. Leituras das *Investigações*: compreender, seguir regras (behaviorismo?); argumento da linguagem privada. Referência a S. Kripke, *Wittgenstein on Rules and Private Language*. Resposta às questões O que é o pensamento? O que é o mundo? no quadro pragmatista/pluralista das *Investigações*.

27.02.03 (Aula extra)

Filme: *Wittgenstein*, Derek Jarman (1993).

12.03.03 Aula 30

De Wittgenstein II à Filosofia da Linguagem Comum. Wittgenstein, *Investigações*, recapitulação do teor de algumas ideias básicas (pluralismo, pragmatismo, investigações gramaticais). O Argumento da Linguagem Privada – análise da conclusão. Pensamento, linguagem e mundo em Wittgenstein II. A ideia de 'filosofia da linguagem comum'. Referência a algumas críticas de B. Russell às posições de Wittgenstein que tiveram continuidade na filosofia da linguagem comum. Teoria dos actos de fala. Asserções e performativos. Actos de fala: dimensões locutória, ilocutória e perlocutória.

19.03.03 Aula 31

Breve apresentação de John Austin. Wittgensteinianismo, filosofia da linguagem comum, teoria dos actos de fala. Filosofia e linguística. 'Performativos'. Condições necessárias e suficientes

para a realização de um acto de fala. Início da leitura de 'Performative Utterances' (1961) (Bloco de Textos nº4). Análise de exemplos de 'infelicidade' na realização de um acto de fala.

20.03.03 Aula 32

Conclusão da leitura de John Austin, *Performative Utterances* (1961). Marcas linguísticas de performatividade. O carácter da diferença entre enunciados constatativos e enunciados performativos. Desaparecimento da diferença? Introdução a John Searle, referência a aspectos da teoria griceana do significado (máximas conversacionais).

SV

24.03.03 Aula 33

John Searle, *What is a speech act?* (1965). Acto ilocutório como unidade (pragmática) da linguagem. Regras constitutivas e reguladoras. Teoria griceana do significado. Máximas conversacionais e seu estatuto.

SV

26.03.03 Aula 34

John Searle, *What is a speech act?* Proposições. Significado griceano. O exemplo 'Kennst Du das Land...?' Discussão acerca de regras, instituição, fenómenos normativos, estatuto da normatividade e da teleologia.

SV

27.03.03 Aula 35

John Searle, *What is a speech act?* Conclusão da leitura – o exemplo de prometer. Condições necessárias e suficientes, regras. Taxinomia dos actos ilocutórios (actos assertivos, directivos, compromissivos, expressivos e declarações). O ponto anti-wittgensteiniano: não há infinitamente muitas coisas que fazemos com palavras. A continuidade da obra filosófica de John Searle: referências às obras sobre intencionalidade e consciência (filosofia da mente).

A teoria dos actos de fala, a formulação explícita do 'tácito' e (i) a pragmática linguística, (ii) a polémica Searle-Derrida, (iii) o desacordo Searle-Davidson acerca da teoria da metáfora, (iv) o projecto habermasiano de uma teoria da acção comunicacional.

SV

31.03.03 Aula 36

John Searle, a taxinomia dos actos ilocutórios e o significado desta. Razões para a rejeição da taxinomia de J. Austin. As virtualidades da teorias dos actos de fala: (i) o carácter pragmático do pensamento, (ii) a análise da normatividade. Referência à ligação da teoria dos actos de fala com a teoria habermasiana da acção comunicacional.

Introdução ao pensamento de W. V. Quine. Dados acerca da vida e obra de Quine.

SV

02.04.03 Aula 37

W. V. Quine: mapa de teses epistemológicas, ontológicas, de filosofia da linguagem e de filosofia da mente (epistemologia naturalizada, relatividade ontológica, indeterminação da tradução, inescrutabilidade da referência, 'eliminação' dos sentidos). Empirismo, pragmatismo e behaviorismo. Os 'Cinco marcos do empirismo' – leitura do artigo (Bloco de textos nº5). Explicações gerais sobre o conteúdo epistemológico de *Two Dogmas of Empiricism*. O holismo quineano.

SV

07.04.03 Aula 38

W. V. Quine: questões epistemológicas. As principais teses: referência à teoria do conhecimento exposta em *Two Dogmas of Empiricism*. Início da leitura de W. V. Quine, *Sobre o que há*. A formulação do problema ontológico. O que é que há? / Com que entidades nos comprometem as nossas teorias? A 'Barba de Platão' e a 'Navalha de Occam'.

SV

09.04.03 Aula 39

Pressupostos da compreensão de W. V. Quine, *Sobre o que há*: teses epistemológicas e teses de filosofia da linguagem. A argumentação de *Two Dogmas of Empiricism*. Críticas ao reducionismo e à analiticidade. O exemplo de 'Gavagai' (a indeterminação da tradução). A ligação entre teses epistemológicas e de filosofia da linguagem, a oposição ao Mito do Museu. Kant e Quine: comparação de intenções (discussão).

23.04.03 Aula 40

W. V. Quine, *Sobre o que há*: leitura e resumo (formulação do problema ontológico, desacordo acerca de casos, problema dos possíveis não realizados, tratamento russelliano de termos singulares, transferência da carga de referência objectiva para as variáveis ligadas, tratamento dos termos universais, relação universais-sentidos (*meanings*))

28.04.03 Aula 41

W. V. Quine, *Sobre o que há*: leitura e resumo (o paralelo entre a discussão medieval acerca de universais (realismo, conceptualismo, nominalismo) e as posições defendidas na 'moderna filosofia da matemática', a opção de Quine pelo formalismo/ nominalismo, as nuances da posição de Quine quanto à ontologia, o critério do compromisso ontológico ('ser é ser o valor de uma variável ligada'), os factores (estéticos? de utilidade?) da última palavra quanto à natureza daquilo que há (a escolha de uma ontologia a par com a escolha de uma teoria científica)). O critério de compromisso ontológico – última palavra em ontologia? Fenomenalismo ou fisicalismo – que razões para a escolha? Pragmatismo.

30.04.03 Aula 42

W. V. Quine: ontologia e filosofia da linguagem. O que significa ser fisicalista?
D. Davidson: alguns dados biográficos, referência a '*Essays on Actions and Events*' (1980) e '*Inquiries into Truth and Interpretation*' (1984). O conceito (mentalista) de acção. Intencionalidade: noção aplicada a sequência de eventos 'sob uma determinada' descrição. A possibilidade de mais do que uma descrição intencional dos mesmos eventos. O argumento anti-wittgensteiniano (acerca de razões e causas na explicação de acção) em '*Actions Reasons and Causes*' (1963). O prolongamento das teses defendidas em Davidson 1963 nas teses ontológicas (monismo anómalo, superveniência) defendidas em '*Mental Events*' (1970). Mapa de teses em teoria da acção, ontologia, filosofia da linguagem, epistemologia, teoria da natureza do pensamento. Referência aos principais artigos correspondentes aos temas mapeados. Descrição resumida das teorias davidsonianas da acção, da mente, da linguagem, do mundo.

05.05.03 Aula 43

(não houve aula – Semana da Queima das Fitas)

07.05.03 Aula 44

(não houve aula – Semana da Queima das Fitas).

12.05.03 Aula 45

D. Davidson: descrição resumida da teoria davidsoniana da acção (*Actions, Reasons and Causes*) e do teor do monismo anómalo.
Um estudo de caso em filosofia da linguagem: introdução ao estudo do fenómeno metafórico. Teorias da metáfora (referência à definição e à descrição devidas a Aristóteles, referência ao núcleo da proposta da linguística cognitiva, referência ao comentário de U. Eco sobre 'o que se acrescentou a Aristóteles', referências a P. Ricoeur e J. Derrida.) O metafórico e o literal: das palavras aos discursos (filosófico, poético, científico).

14.05.03 Aula 46

Um estudo de caso em filosofia da linguagem: a natureza do fenómeno metafórico. Teorias da metáfora (Aristóteles, linguística cognitiva, U. Eco, J. Searle, D. Davidson, P. Ricoeur, J. Derrida.)

Aristóteles: transporte de palavras, tipos de metáforas, virtudes cognitivas das metáforas, 'definição' metafórica de metáfora. Teorias estéticas, linguísticas e ontológicas da metáfora. Géneros e espécies, árvores de Porfírio. Catacreses. Metáforas vivas e mortas. Distinção literal / metafórico. A origem das categorizações ('visão das semelhanças').

Linguística cognitiva: o mapeamento de características perceptivas na conceptualização linguística.

A definição de U. Eco: a metáfora é um fenómeno de *encyclopédia* no seio da *semiose ilimitada* envolvendo um processo de *abdução*.

19.05.03 Aula 47

Um estudo de caso em filosofia da linguagem: a natureza do fenómeno metafórico. Teorias da metáfora (U. Eco, J. Searle, D. Davidson, P. Ricoeur, J. Derrida).

21.05.03 Aula 48

A questão da linguagem na filosofia contemporânea não analítica (referências às obras de M. Heidegger, J. Derrida, M. Foucault e J. Habermas – em que sentido podem estes autores ser considerados filósofos da linguagem?) Marcação de aula (extra) de revisões.

13.06.03 Aula 49

Revisões.

Porto, 15 de junho de 2003

A Professora,

Sylvie

